



O marxismo e as primeiras formulações sobre a Mulher

August Bebel



POR | Partido
Operário
Revolucionário

 **EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETARIAS**
MASSAS

**O marxismo
e as primeiras
formulações
sobre a mulher**

August Bebel

Índice

Apresentação	3
Importância de Bebel para o movimento operário e a luta contra a opressão da mulher - <i>6fYj YV]c[fUÚU</i>	7
<i>Estudo do livro "A mulher e o Socialismo" de August Bebel.</i>	
A libertação da mulher das cadeias da opressão só será possível no comunismo	11
August Bebel - <i>Lênin, agosto de 1913</i>	30

Apresentação

Apresentamos aos trabalhadores e à juventude um estudo sobre o livro “*A mulher e o Socialismo*”, de August Bebel. Mais de um século se passou desde sua primeira edição em 1910. No entanto, sua vigência como fonte para construir o programa do proletariado permanece intacta.

A Mulher e o Socialismo é uma grande contribuição ao proletariado mundial. Nesta obra, pela primeira vez, se apresentam os fundamentos e as formulações que estão na base da doutrina e do programa marxistas para acabar com a opressão da mulher.

O essencial de suas formulações está em assinalar que as conquistas das reivindicações da mulher proletária e a solução definitiva da opressão, que sofre no lar e na vida social, se realizam na luta unitária do proletariado pelo poder. Para Bebel, a luta pela completa libertação da mulher é parte indissolúvel da luta pelo socialismo. Eis por que somente a revolução proletária possibilitará avançar a harmonização da propriedade social com a produção social; permitirá assimilar as conquistas da indústria e da técnica desenvolvidas no seio das forças produtivas e transformar radicalmente a economia privada familiar em função social e em organização realizada coletivamente. É o que demonstra Bebel. Sem essa condição, diz, não poderá haver plena igualdade social e política entre o homem e a mulher.

Como o leitor pode ver, nosso estudo procura extrair de suas formulações quais as vias e os métodos que permitem transformar a luta das mulheres proletárias - contra todas as formas de manifestação da opressão de classe - em uma poderosa alavanca da luta revolucionária do proletariado pela conquista do poder.

Publicamos ainda uma breve nota biográfica sobre Bebel e um artigo que Lênin escreveu sobre seu mestre, quando de sua morte. Nessa, o revolucionário russo traça uma imagem viva da trajetória militante de Bebel. Especialmente, destaca como Bebel “Dedicou à causa do socialismo um caudal de sua energia, sem poupar nada” e lutou incansavelmente por décadas contra os desvios reformistas e revisionistas que acabaram por gangrenar o maior partido operário da época. Segundo Lênin, no período marcado pela *“preparação e coesão das forças da classe operária”* ninguém se comparou a August Bebel, como operário que se elevou ao marxismo, lutou por forjar a vanguarda operária e se tornou um exemplo para as novas gerações.

A vanguarda revolucionária deve assimilar as ricas formulações de Bebel e lutar por aplicá-las às condições particulares da luta de classes de cada país, como fizeram os bolcheviques na Rússia, há 100 anos, traduzindo, em linguagem prática, as conquistas das mulheres proletárias na primeira revolução proletária vitoriosa da história.

22 de novembro de 2017

Lucas Martinez

Importância de Bebel para o movimento operário e a luta contra a opressão da mulher

Breve biografia

De origem proletária (torneiro qualificado), August Bebel foi influenciado por Wilhelm Liebknecht, que o aproximou do marxismo. Juntos fundaram o *Partido Popular da Saxônia* (1875). Anos mais tarde, Bebel e Wilhelm Liebknecht se uniram a Eisenach para fundar, em 1869, o *Partido Operário Socialdemocrata*, que, em 1875, se fundiu com a corrente de Ferdinand Lassalle (a *Associação Geral dos Trabalhadores Alemães*), constituindo o *Partido Operário Socialista da Alemanha*, que passou, finalmente, a se chamar *Partido Socialdemocrata da Alemanha* (1890).

Bebel se formou e se educou teórica e politicamente no trabalho de construção do partido do proletariado. Como operário que conseguiu se elevar ao marxismo, expressou a luta da vanguarda da classe operária por assimilar o socialismo e transformá-la em classe independente. Essas condições viriam ainda a se combinar com sua grande capacidade analítica e intelectual de se aprofundar no estudo do marxismo e nas formulações teóricas.

Até sua morte, Bebel foi dirigente do partido e da fração parlamentar no Reichstag (Parlamento). Sob sua direção política, a fração parlamentar da socialdemocracia travou combate contra a legislação que impunha severas restrições políticas e sociais às mulheres e contra o Artigo nº 175, que punia e criminalizava os homossexuais, defendendo de forma intransigente o direito dos homossexuais de se manifestarem seu amor sexual livremente.

Seu papel de destaque no maior e mais potente partido operário da época o colocou à cabeça do movimento operário mundial. Tornar-se-ia discípulo e logo companheiro de Marx e Engels na luta para pôr em pé o partido mundial do proletariado. Estes o consideravam com muita estima pela sua capacidade teórica de ajudar a classe operária na luta pelos seus direitos políticos. Como assinalou Engels, *“quando Bismarck foi obrigado a introduzir o sufrágio universal, como único meio para interessar as massas do povo em seus planos, nossos operários tomaram imediatamente as coisas a sério e enviaram August Bebel ao primeiro Reichstag constituinte. E, desde aquele momento, utilizaram de tal modo o direito do sufrágio, que lhes trouxe inúmeros benefícios e serviu de modelo para os operários de todos os países”*. (Introdução feita por Engels ao livro *A luta de classes na França*, de Karl Marx).

Bebel participou ativamente da luta de Marx e Engels contra as tendências pequeno-burguesas e revisionistas que se projetavam no movimento operário internacional. Esses eram cientes dos perigos da infecção do veneno reformista nas fileiras do maior e mais importante partido operário.

Na *Carta Circular a A. Bebel, W. Liebknecht, W. Bracke e Outros* (17/18 de setembro de 1879), Marx e Engels os alertavam do perigo de ceder às posições de Lassalle e seus epígonos, que pretendiam reduzir a socialdemocracia a uma corrente pequeno-burguesa. Anteriormente, alertaram Bebel sobre os perigos da unificação com os lassellianos, uma vez que a “unificação” com eles deveria ser provada pela experiência e submetida a uma rígida centra-

lização e disciplina programáticas. Eis: “... *Uma única força nova que tenhamos arrancado nós próprios do material bruto tem mais valor que dez desertores de Lassalle que trazem sempre consigo para o partido o germe da sua orientação falsa*” (*Carta a August Bebel*, Engels, 20 de junho de 1873).

August Bebel foi considerado ainda um dos mestres teóricos de uma nova camada de revolucionários, a exemplo de Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo. Lênin diz que Bebel “*é uma autoridade tão preponderante no movimento internacional do proletariado, um líder socialista tão experimentado, um socialista sentindo tão profundamente as exigências da luta revolucionária, que, em 99 vezes em 100, achava por si mesmo o caminho para sair do pântano, quando chegava a cometer um erro, levando consigo aqueles que o queriam seguir limpamente*”.

Sem dúvida, é por essas condições e qualidades que August Bebel seria alvo das perseguições e da repressão do Estado burguês. Devido suas posições diante da guerra franco-prussiana (1870-71), foi sentenciado a prisão. Entre 1873 e 1875, por alta traição. E 1878, por insultar Bismarck. As brutais perseguições não fizeram senão fortalecer suas convicções marxistas e sua confiança no proletariado como classe revolucionária.

Bebel deixou outras obras, além da “*A Mulher e o Socialismo*”. Citamos algumas delas: *Nossos Objetivos (1870)* e *A Guerra Camponesa na Alemanha (1876)*, portanto, anteriores à *Mulher e o Socialismo (1879)*. Inúmeras foram as cartas trocadas com Engels. Manteve contato com Lênin, a exemplo da tentativa de interferir na divisão entre mencheviques e bolcheviques em 1905.

As cartas de Engels a Bebel mostram não só a valiosa influência sobre a condução do partido na Alemanha, como também o enorme apreço de Bebel às orientações de Marx e Engels. Para o bem da verdade, é necessário assinalar de passagem que Bebel mostrou-se vacilante em determinadas situações. Uma das vacilações se encontra na crítica de Engels às suas simpatias com o impostor

Dühring. Outra, diz respeito à sua incompreensão sobre o papel antimarxista dos mencheviques. A tentativa de a partir da Alemanha arbitrar a crise interna da socialdemocracia russa foi rejeitada por Lênin, como consta em sua carta de 8 de fevereiro de 1905. Outros exemplos existem, mas não é nosso objetivo mostrar as fraquezas do revolucionário Bebel.

Essa publicação resume os principais aspectos do imprescindível livro *A Mulher e o Socialismo*. Hoje, quando eram para estar superadas as posições burguesas e pequeno-burguesas sobre a opressão das mulheres, assistimos renascê-las nas academias e nos movimentos feministas. As esquerdas centristas e reformistas procuram adaptá-las ao marxismo, numa forma de amálgama. A consequência fundamental é que rechaçam a premissa de que a opressão sobre a mulher é, em última instância, de classe. Não por acaso, encontramos interpretação da obra de Bebel para atestar as posições antimarxistas. Esse folheto é apenas um passo em nossa luta em defesa do programa de emancipação das mulheres.

Estudo do livro “A mulher e o Socialismo” de August Bebel

A libertação da mulher das cadeias da opressão só será possível no comunismo

O livro “*A mulher e o Socialismo*” foi escrito em 1879 e publicado na Alemanha em 1910 pela primeira vez. Traduzido em mais de 50 idiomas, incluídos o chinês e o japonês, constituiu um marco teórico para os partidos marxistas estabelecerem os fundamentos doutrinários para a elaboração do programa, dos métodos e das táticas da luta proletária pelas reivindicações das mulheres exploradas.

A principal contribuição de August Bebel à teoria marxista da opressão da mulher está, de um lado, em procurar definir de forma mais precisa possível qual a “*posição que a mulher deveria ter no nosso organismo social*”. E, por outro, “*como melhor desenvolver suas potencialidades e habilidades, de forma a ser um membro útil da sociedade humana, com iguais direitos e servindo à sociedade de acordo com suas melhores capacidades*”. Essas premissas levaram-no a demonstrar que a real e efetiva resolução à opressão da mulher passaria pela reorganização da sociedade na base de novas relações sociais de produção e distribuição. O

que, segundo assinala, criaria as condições de sua libertação como indivíduo e como membro útil e produtivo da nova sociedade. Está aí por que somente no socialismo, dirá Bebel, a mulher poderá “*desfrutar psíquica e mentalmente de forma integral a liberdade*”, o que significa destruir a família burguesa e avançar na inserção da mulher na produção social. Tais passos permitirão à mulher não mais “*depende da vontade do outro sexo para sua subsistência*”, afirmará.

Alexandra Kollontai, em sua obra “*A mulher no desenvolvimento social*”, traça um quadro preciso da importância da obra do teórico e dirigente alemão. Ela indicará que os fundamentos da doutrina marxista sobre a opressão da mulher e as condições de sua emancipação, alicerçados nas obras de Marx e Engels, são em Bebel ampliados e desenvolvidos na base de incontestáveis fontes históricas. Como o leitor apreciará, utilizaremos ainda outras citações da grande revolucionária russa visando a demonstrar como as formulações de August Bebel foram assumidas pelas lideranças da primeira revolução proletária vitoriosa na história: a Revolução de Outubro. As citações dizem respeito à doutrina e aos princípios nos quais se baseou o Estado Operário para formular a primeira legislação social e política que realmente criava, na base da propriedade social e da economia planificada, as condições materiais e políticas necessárias para avançar no caminho do processo histórico da completa libertação da mulher.

Acreditamos que o presente estudo, análise e síntese desta vital obra teórica do marxismo sirvam ainda hoje à vanguarda para se aproximar do programa, dos princípios e dos métodos da luta do proletariado mundial pela efetiva libertação da mulher das cadeias da opressão de classe.

Essência das formulações de August Bebel sobre o problema da opressão da mulher

Para Bebel, o ponto de partida para definir a posição do marxismo sobre o problema da opressão da mulher tem por objetivo, em primeiro lugar, realizar uma clara dife-

renciação de classe entre as organizações feministas burguesas e pequeno-burguesas perante o movimento e as organizações das mulheres proletárias. Embora possam estar unidas circunstancialmente ao redor da luta pelas conquistas de determinados direitos políticos e civis sob o capitalismo, as mulheres proletárias participam dos interesses estratégicos do proletariado assinala Bebel. De maneira que sua condição e pertencimento de classe as colocam em antagonismo e em choque com as mulheres de outras classes sociais.

Em segundo lugar, o teórico socialdemocrata alemão demonstrará o curso histórico e os efeitos sociais da desagregação do capitalismo no âmbito da família e das relações familiares. O objetivo dessa premissa é debelar a contradição existente entre o avanço do trabalho produtivo feminino na produção social e sua falta de direitos políticos e sociais como membro do Estado. Ajudando a demonstrar que esse fenômeno social diz respeito às manifestações da contradição existente entre as forças produtivas, altamente desenvolvidas, e as relações de produção e distribuição capitalistas.

Outro dos maiores méritos de Bebel é o de assinalar e demonstrar que a conquista das reivindicações da mulher proletária e, fundamentalmente, a solução definitiva da opressão que sofre no lar e na vida social, se realiza na luta unitária do proletariado. Assim como o de demonstrar que as condições materiais e técnicas desenvolvidas no seio das forças produtivas permitem transformar toda a economia privada familiar em uma função de carácter social e em uma organização realizada coletivamente.

O fundamental de sua obra está, porém, em demonstrar que a solução do problema da opressão sobre a mulher *“coincide com outra questão: de que maneira a sociedade deveria organizar-se para abolir a opressão, exploração, miséria e necessidades, e trazer à tona o bem-estar psíquico e mental dos indivíduos e da sociedade como um todo?”*. Ele já indica a resposta ao afirmar que para os marxistas *“a questão da mulher é somente uma face da questão social*

geral (...)”. E que, por tanto, “*não poderá haver libertação da humanidade sem independência social e igualdade entre os sexos*”, disse Bebel.

Da leitura de sua obra, desprende-se um claro conceito marxista: a luta pela completa libertação da mulher é parte indissolúvel da luta pelo socialismo. Está aí por que, como antes o fizeram Marx e Engels, Bebel entenderá a opressão da mulher como uma manifestação da opressão de classe. Assim, a luta do proletariado no capitalismo para preservar a força de trabalho não constitui seu objetivo final, mas somente um meio para educá-lo na luta conjunta como classe por suas reivindicações comuns. A defesa dessa compreensão da dialética histórica levou-o a combater a ideia estendida entre os movimentos feministas de que a luta das mulheres pelos seus direitos é uma luta em separado, à parte.

A organização do proletariado como partido político fez desaparecer a necessidade das proletárias agirem com um programa próprio. Segundo esse fundamento, a luta da mulher proletária por suas reivindicações particulares está subordinada à luta do proletariado por suas reivindicações comuns e seu objetivo histórico: a constituição do socialismo. Como assinalará Bebel, “*quem procure a solução completa da questão da mulher deve, conseqüentemente, unir as mãos com aqueles que têm inscrito nas suas bandeiras a solução da questão social em interesse de toda a humanidade - os Socialistas*”. De maneira que não há outro caminho para a vanguarda feminina do proletariado a não ser o de se organizar no seio do partido socialista que, como disse Bebel, é “*o único que faz da total igualdade da mulher, de sua libertação de toda forma de dependência e opressão, uma parte integral de seu programa*”.

É nessa relação entre a luta pelas reivindicações e luta pelo socialismo que August Bebel baseará sua obra e seu pensamento teórico. No entanto, a história demonstrará que, como teórico, se elevou muito acima de seu papel como dirigente e da degenerescência que se operava no seio do Partido Socialdemocrata e entre suas lideranças

políticas mais relevantes (Bernstein, Kaustky, etc.). Enquanto sua contribuição à teoria marxista permitiu avançar as tarefas que o proletariado no poder teria de realizar para a emancipação da mulher, a posição dos revisionistas estava condicionada à tese de que essas tarefas poderiam ser conquistadas pela progressiva e pacífica conquista do poder pelo proletariado. Ou seja, pela via parlamentar e da democracia burguesa, combinando reformas com eleições burguesas. Bebel não teve como entender e se contrapor a esse desvio.

A via reformista da socialdemocracia alemã expressava a rejeição da luta de classes e da revolução como produto da insurreição proletária. Apenas assinalamos esse aspecto para demonstrar que Bebel não pôde se elevar por cima do quadro político da organização a que dedicou sua vida e militância. O que certamente não obscurece a importância teórica de sua obra. Está aí por que essa esteve presente nos fundamentos dos programas dos grupos revolucionários que viriam a constituir o núcleo fundacional do bolchevismo e da III Internacional. A Revolução Russa e a Internacional Comunista, fundada sobre a bancarrota da II Internacional, tomaram as elaborações de Bebel e as transformaram em poderosa força e alavanca das transformações sociais ao ligar a teoria marxista à prática revolucionária.

Contração entre a situação da mulher como membro produtivo na grande indústria e a ausência de seus direitos como membro do Estado e da sociedade

“A admissão da mulher na produção e no comércio” estava “praticamente concluída” sob o capitalismo, afirmou Bebel. E que se realizou “favorecida pelas classes dominantes em seu próprio interesse”. Eis por que, disse, a inserção da mulher na produção social “tem efeitos prejudiciais no crescimento da concorrência no mercado de trabalho, e o resultado é a redução nos salários dos trabalhadores, tanto do homem quanto da mulher”. Está “claro então que essa

não pode ser uma solução satisfatória”, disse Bebel, porque, servindo aos interesses da burguesia, não se realizava em função de desenvolver suas potencialidades físicas e mentais, mas como fonte de lucro aos capitalistas.

August Bebel demonstrará também que, enquanto o desenvolvimento da indústria e da técnica ampliaram as condições para a inserção da mulher como trabalhadora produtiva e útil da sociedade capitalista, os fundamentos econômicos do regime burguês abortaram sua inserção como membro político do Estado. De forma que a luta pela “igualdade” não precedeu à inserção da mulher na produção. Ao contrário, foi a crescente importância do trabalho feminino que colocou a necessidade da luta pela conquista de direitos e leis particulares para a proteção da mulher. Essa constatação lhe permitirá mostrar que foi na base dessa contradição que nasceu e se desenvolveu o movimento feminista burguês e pequeno-burguês. De fato, uma das primeiras organizações feministas da Alemanha, “*A União Geral das Mulheres Alemãs*”, se elevou com seu programa e seu objetivo estratégico a luta pela defesa do acesso das mulheres ao ensino superior. Tratava-se de um movimento das classes médias e da burguesia urbana que pretendiam contar com as mesmas oportunidades que os homens para aceder às funções sociais de administração e gestão do Estado e das empresas.

O anteriormente colocado explica por que, para Bebel, não era possível constituir a unidade política das mulheres “em geral”, simplesmente baseada na discriminação que sofrem sob o capitalismo. Isto porque, “*para grande maioria das mulheres permanece ainda a questão (...) de que alguns milhares de membros de seu próprio sexo, pertencentes às classes mais favorecidas da sociedade, obtêm i a Ua U]cf]bgtfi , ~c YYbhfUa Ya 'dfcÚgg' Yg'à U]g W' Hgžci alcançam uma função pública*”.

Bebel demonstrará que os movimentos feministas separam as manifestações sociais da opressão da mulher na superestrutura política do Estado burguês das contradições que se desenvolviam na sua estrutura econômica,

ou seja, dos antagonismos de classe e da propriedade privada. O que respondia aos interesses de classe que esses movimentos expressavam. Assim, enquanto para as mulheres da burguesia e da pequena burguesia a luta passava somente pela conquista do direito de ascender aos postos de trabalho em áreas do trabalho social vedados à mulher proletária, para as mulheres proletárias se tratava fundamentalmente da luta pelos direitos trabalhistas e pelas reivindicações econômicas em defesa da força de trabalho, perante os abusos e ataques dos capitalistas.

A conquista das reivindicações particulares das proletárias passava inevitavelmente pela luta unitária da classe operária por suas reivindicações comuns, afirma Bebel. O movimento feminista (para o marxismo o feminismo tem sempre um conteúdo burguês ou pequeno-burguês) aprofunda-se sempre pela via da luta reformista e “exclusivamente” feminina. O movimento das proletárias é, ao contrário, parte integrante da luta da classe operária contra o regime burguês. Está aí por que sua luta e a das burguesas e pequeno-burguesas seguem leis sociais e políticas diferenciadas.

O movimento das mulheres proletárias diante dos movimentos burguês e pequeno burguês

No seu livro, Bebel estabelece uma precisa delimitação do conteúdo de classe da luta das mulheres proletárias perante a luta e as soluções propostas pela burguesia e a pequena burguesia. Estas classes procuram resolver a opressão e discriminação que sofrem as mulheres de suas classes nos marcos do regime burguês. Porém, Bebel não desconhecera que a luta pelos direitos civis e políticos poderia levar a constituir uma unidade conjuntural entre mulheres de diferentes classes sociais como um fato histórico condicionado pelas manifestações particulares da opressão e discriminação exercidas contra as mulheres no capitalismo. Lembremos que no momento de escrever suas formulações e publicar sua obra, na maioria dos países capitalistas o voto feminino não constituía mais que

uma exceção e era, além disso, praticamente inexistente o acesso das mulheres à educação superior, ao exercício das chamadas profissões “liberais” e a participar como membros políticos ativos do Estado. Eram essas precisas e determinadas condições históricas as que permitiriam, segundo assinalara Bebel, se concretizasse em determinados momentos o que denominou de “irmandade” de mulheres ao redor da luta por direitos civis e políticos. Está aí por que afirmou que as mulheres de diferentes classes sociais, *“embora antagonistas dentre elas na linha de classes, têm ainda muitos grandes pontos em comum”*.

Outros fatores viriam também a alicerçar o desenvolvimento dessa luta democrática. A progressiva ampliação de novas áreas do trabalho social que agiam como auxiliares à produção refletiram não só o desenvolvimento da indústria, mas as crescentes necessidades dos capitalistas de aperfeiçoar os processos administrativos no aparelho do Estado e nos setores do comércio. O que exigia aliás uma nova maciça inserção de força de trabalho capacitada para cumprir essas tarefas especializadas (educação básica, saúde, tarefas administrativas, etc.). Foi essa confluência de fatores econômicos, históricos e políticos que criou as bases materiais para o desenvolvimento dos movimentos feministas burgueses e da classe média que exigiam o acesso das mulheres às atividades profissionais e à função pública. A ampliação de seus direitos políticos e o acesso à educação decorria dessa realidade.

Estavam assim criadas as condições para a unidade dos movimentos das mulheres na luta pelos direitos civis e políticos. *“Eso é verdade no que diz respeito de todos os esforços relativos aos direitos iguais das mulheres sob a ordem social atual; isto é, seu direito a entrar em qualquer Uhj]XUXY'ci `dfcÚgg~c UXUdHUXU{ `gi U'Zf, U'Y\UV]]XUXYgž e seu direito à igualdade civil e política”*, assinalou Bebel.

Certamente, a conquista de direitos políticos para as proletárias tinha, para Bebel, um objetivo diferente: o de fortalecer o proletariado na luta pelos seus interesses comuns de classe. De forma que o antagonismo de classe

entre as mulheres tinha de se expressar no choque do movimento feminino do proletariado com o programa dos movimentos feministas burgueses e pequeno-burgueses de resolver a opressão da mulher do ponto de vista legal, sem atacar as bases sociais e econômicas do capitalismo.

Segundo Bebel, *“de acordo com a concepção dos burgueses, ou da sociedade capitalista, a igualdade civil do homem e da mulher é considerada a solução última à questão da mulher”*. De forma que esse não podia constituir o objetivo final da luta das proletárias. Isto porque a *“grande maioria das mulheres está aliás profunda e pessoalmente interessada na reorganização completa do atual estado de W]gUg`YbUcfXYa`gcVU`ei YHYa`dcf`ÚbU]XUXYU`UVC`, ~c` da escravidão assalariada, que no presente pesa, maiormente, sobre a mulher do proletariado, quanto da abolição da escravidão sexual, que está ligada diretamente com nossas condições industriais e nosso sistema de propriedade privada”*. Enquanto que *“As mulheres que ativamente estão no movimento pelo sufrágio burguês, não reconhecem a necessidade dessa completa transformação”*.

Para Bebel, o objetivo da luta das proletárias por suas reivindicações particulares não podia ser outro que o de fortalecer a luta conjunta do proletariado como classe. Segundo colocara, *“é em interesse particular das mulheres proletárias trabalharem mão a mão com os homens proletários por medidas e instituições [visando, N.R.] proteger à mulher trabalhadora da degenerescência psíquica e mental, e para preservar sua saúde e força para o normal cumprimento de suas funções maternais”*. O que, por sua vez, exigia a educação comunista dos homens proletários para combater aqueles *“que atuam por pequenos motivos egoístas e que teme a concorrência, e por isso tratam de prevenir-se de que as mulheres possam obter uma educação gi dY]cf`YgYFYa`UXa`H]XUg`Ya`dfc`Úgg”Yg`a`Y`cf`dU]`Ugĭ*.

No que diz respeito ao objetivo estratégico do proletariado, o socialismo, Bebel assinala que *“é o dever das mulheres proletárias unir-se aos homens de sua classe na luta no processo de transformação da sociedade, para ocasional-*

mente trazer uma ordem que por suas instituições sociais permita ambos os sexos desfrutar a total independência econômica e intelectual”. Ou seja, colocava como tarefa para as mulheres proletárias a de constituir sua independência de classe perante a política feminista burguesa e pequeno-burguesa, já que “sua posição social privilegiada” obrigava “se opor à perigosa doutrina e aos objetivos mais radicais das mulheres proletárias”. “O antagonismo de classe existente entre o capitalista e a classe trabalhadora e que se acrescenta com os problemas industriais, manifestam-se também claramente no seio do movimento das mulheres”, conclui Bebel. Enfim, para as proletárias se tratava “não só alcançar a igualdade entre o homem e a mulher na presente ordem social, o que constitui o único objetivo do movimento da mulher burguesa, mas ir além e remover todas as barreiras que fazem do ser humano depender um do outro, o que inclui a dependência de um sexo respeito do outro”.

As reivindicações particulares do movimento das mulheres proletárias no capitalismo

Bebel não depreciava a importância da luta das mulheres proletárias pela “igualdade”. Mas, no que diz respeito às mulheres proletárias, definira-a como a luta por ter “os mesmos direitos que os homens de desenvolver suas habilidades e as empregar livremente”, tanto na produção social quanto nas organizações políticas e sindicais do proletariado. Certamente, essa luta pela “igualdade” tinha ainda para Bebel limitações impostas pela natureza do organismo feminino. Ou em suas próprias palavras: “nenhuma X|ZYb, U'f'í ghÚWj Y'Ufa 'XUei YUg X|ZYb, Ug YghUVYY-cidas pela natureza (...)”.

A luta pela “igualdade” para as mulheres proletárias passava fundamentalmente pelo seu direito de ingressar nos sindicatos nas mesmas condições e com os mesmos direitos que os homens e pela bandeira “trabalho igual, salário igual”. Por outro lado, Bebel afirma que a luta pelas reivindicações das mulheres operárias sob o capitalismo começaria pela conquista de leis de proteção ao trabalho

feminino e da mulher em sua função da maternidade. A esses direitos se agregaria ainda o *“de ter a liberdade de dispor de seu próprio corpo e mente e ser sua própria mestra”*.

No Capítulo XV (*“O status legal das mulheres”*), ponto 2, desenvolverá e precisará essa proposta. Eis: *“centenas de esposos e milhões de mulheres empregadas em centenas XY]bX• gtf]Ug`Y dfcÚgg” Yg` Ygh`c` dYggcU`Yj]HUa YbhY]bhY` ressedados na natureza de nossa legislação social. Leis relativas à duração da jornada de trabalho, trabalho noturno, trabalho infantil, salários, medidas de segurança nas fábricas Wg`YcÚMbUgž Ya` i a U`dU`Uj fUž`h`XUg`Ug`` Yg` hfUVU` \]gHugž como assim também as leis de aposentadorias, etc., são de grande interesse para as trabalhadoras”*. No capítulo X (*“O matrimônio como meio de subsistência”*), no ponto 4, *“A miséria dos matrimônios dos dias atuais”*, Bebel assinala que *“o organismo feminino requer cuidado especial em consideração a suas funções sexuais especiais. Requer uma bi hf], ~c` VcU`Y`gi ÚVYbhY`YXi fUbhY`Vf]rçg`dYf`çXcg`dfYUgU` de descanso”*. Embora reconheça que, sob o capitalismo, esses *“cuidados não existem, não podem ser obtidos nas atuais condições (...)”*. E no capítulo XIII (*“A mulher e a Indústria”*), no ponto 2, *“O trabalho fabril e a mulher casada”*, demonstra que não adianta ao proletariado reclamar que a produção social arrancou a mulher do seio da família. Essas condições e relações *“já não mais podem ser revividas”*, afirma. No entanto, concluirá nesse mesmo capítulo, *“isso não exclui a necessidade da proteção legal para evitar a exploração sem limites do trabalho feminino e o emprego das crianças em idade escolar na indústria”*.

Como antes fizera Engels, Bebel demonstra que as determinações biológicas das mulheres exigem também uma consideração política especial para as reivindicações particulares das mulheres proletárias. Segundo Kollontai, o capitalismo impõe *“trabalhos tão duros e inadequados”* que acabam destruindo *“o organismo feminino e com isso causava graves prejuízos aos interesses de todo o povo”*. De maneira que criticará duramente os movimentos feministas que exigiam que as mulheres fizessem os mesmos

trabalhos que os homens porque, explica, não “*compreenderam que a mulher, pela razão de suas qualidades físicas determinadas, se encontra sempre em um estado especial e que a elevada estima da sociedade, diante desses valores peculiares da mulher, não têm por que se reduzir*”. E conclui assinalando que “*a mulher, certamente, não tem por que realizar o mesmo trabalho do homem; para garantir a // i U X U X Y X Y X f y l r g W a Y Y f g i U M b h e i Y Z U U i a l f U balho do mesmo valor para a coletividade*”.

Avanço da degradação moral da mulher perante a decomposição do capitalismo

Ao avanço da técnica e da indústria que desagrega a família proletária lhe correspondeu a reação ideológica da burguesia, visando à preservação da família burguesa e da subserviência da mulher perante o homem. E, portanto, se deve a ele também o avanço e extensão social de todas as chagas que transformaram a mulher em mercadoria submetida às leis da propriedade privada e aos desejos do homem.

Partindo dessa premissa, Bebel demonstrará como se ampliou a servidão da mulher no lar e a sua subserviência perante os desejos e caprichos do homem. Para uma mulher operária, engravidar sem ter constituído uma família ou sem contar com emprego comparava-se como uma carga insuportável.

Se, de um lado, a falta de condições sociais e políticas que protegessem a mulher no âmbito legal e jurídico ampliava sua escravidão doméstica e a empurrava a realizar tarefas degradantes que matavam seu espírito e iniciativa, de outro, a paralisia da produção e o aumento do desemprego feminino faziam, por sua vez, crescer exponencialmente os assassinatos de crianças, realizados pelas próprias mães e a prostituição. Bebel extrairá, então, a conclusão de que a falta de direitos e leis que protegessem a mulher e seus filhos das fases de crise industrial e desemprego obrigavam-na a recorrer a vender seu corpo e ao aborto, quando não diretamente a matar seus próprios

filhos. De forma que o “matrimônio de conveniência” não será somente refúgio da mulher burguesa, como também da mulher proletária em face da crise capitalista e da falta de perspectiva de garantir suas condições de existência. Certamente, as mulheres de classes distintas não comparilhavam das mesmas condições.

Tais condições, de conjunto, afirmará Bebel, obrigava a mulher proletária e de outras classes sociais a se submeterem ao homem no âmbito privado e das relações sexuais. O avanço da prostituição demonstrava que, para as operárias e oprimidas sem família e sem trabalho, passava a ser necessidade para sua sobrevivência, enquanto que para um setor dos capitalistas um lucrativo ramo econômico.

Partindo de dados e de quadros estadísticos, Bebel mostrará então por que a burguesia e seus governos não tinham como desterrar esse flagelo social. Certamente, Bebel não pretendeu realizar uma denúncia à moral e à ética burguesas. A observação dessas brutais consequências para com as mulheres levou-o a considerar que não é possível acabar com a prostituição da mulher e a transformação da prostituição em grande escala em ramo lucrativo dos negócios capitalistas sem acabar com a propriedade privada e os antagonismos de classe. De fato, talvez seja Bebel o primeiro dos marxistas a formular a explicação de que o sequestro de mulheres para sua venda às redes de prostituição constituía um ramo econômico a mais do capitalismo. E mais ainda: mostrará com dados que os sequestros e roubos de mulheres e crianças praticados pelas potências nas colônias tinham desenvolvido por toda Europa uma vasta rede dedicada à prostituição, que contava com o apoio de setores do Estado e da burguesia.

Finalmente, demonstrará com base nessa constatação que o movimento feminista somente podia recorrer às denúncias morais sobre a degradação moral e física da mulher. Isto porque, como afirmará Bebel, *“ao se ocuparem desta questão, começam a se dar conta de que a triste situação social sob a qual sofrem inúmeras mulheres pudesse ser a principal causa de que muitas delas vendam seu cor-*

po; mas esse pensamento não avança até a consequência de que, portanto, é necessário criar outras condições”.

Para Bebel, tratava-se, em última instância, da podridão do regime capitalista. E insistirá que essas mazelas são desapareceriam senão com o fim do capitalismo. Eis: “a completa transformação das condições sociais removerá a vida do matrimônio e frequentemente impede seu total desenvolvimento ou o tornam praticamente impossível” (capítulo X, “O matrimônio como meio de subsistência”, ponto 4 “A miséria dos matrimônios dos dias atuais”). De forma que “onde não existe propriedade privada (...) não poderá haver direito hereditário”, nem poderá, portanto, existir dependência de um sexo perante o outro. No socialismo, “a mulher será livre e aumentará seu prazer pela vida” (capítulo X, ponto 4).

O capitalismo criou as condições para transformar as atividades da economia privada familiar em funções econômicas sociais

A grande produção capitalista levou não somente a ampliar a incorporação da mulher na produção social e a criar condições para avançar em sua independência econômica. Os avanços da técnica e da maquinaria, aplicados em grande escala demonstraram que a economia privada familiar tornou-se socialmente improdutiva e historicamente inútil. Bebel demonstrará então que tinham sido criadas as bases materiais para a absorção de todas as funções econômicas da família pela sociedade, como atividades realizáveis socialmente, aplicando o trabalho cooperativo, a técnica e a maquinaria. De forma que a família como célula econômica básica da sociedade já não se sustentava.

Como explicará Kollontai, “para que esforçar-se a mulher em conservar alimentos para o inverno, em cozinhar o pão ou preparar a comida se centenas de fábricas de congelação e a família trabalhadora pode adquirir na próxima ten-

da de comestíveis ou no restaurante barato uma comida já preparada?”. Assim como Bebel, Kollontai assinalou que a produção social *ÎZh`WXU`j Yn`a UJg`gi dffÛi c`c`fFUVU`c` da mulher para a família, tanto do ponto de vista econômico nacional como do da mesma família* (“*A mulher no desenvolvimento social*”).

Os avanços na técnica e na produtividade social do trabalho na grande indústria, assim como a aplicação em grande escala de maquinaria, reduzem na família a importância das funções próprias da economia privada. Essas foram assumidas pela grande indústria, que abasteceu de todos os produtos básicos necessários para a reprodução da família operária. Para Bebel, se tratava então de assinalar que *“nada poderia ser mais simples que combinar a lavanderia central com a cozinha central (...) e fazê-las uma instituição geral*”. E que, sendo *“acessível a todos, irão trazer uma grande poupança de tempo, esforço, trabalho e expensas, e elevarão consideravelmente o bem-estar*”. Assim, indicou, *“muito trabalho incômodo implicando uma grande perda de tempo e esforço será abolido*”. (citações do capítulo XVI, *“A luta da Mulher pela educação*”, ponto 1, *“A revolução na vida doméstica*”).

O mesmo conceito acha-se no capítulo XXVIII (*“Livre desenvolvimento da individualidade*”), no ponto 3 (*“A cozinha comunista*”), onde explica que na sociedade socialista, baseada na propriedade coletiva dos meios de produção e na aplicação dos avanços da técnica e da maquinaria às tarefas domésticas, *“a preparação da comida teria de ser W`bXi n|XU`h`c` V`Ybh`ÛW`a Ybh`W`a c`ei U`ei Y`ci fFU`U`hj |XU` de humana, visando ser o mais vantajosa possível*”. O mesmo *“é verdade para os equipamentos para faxina e para o lavado de louça*”. Está aí por que *“a abolição da cozinha privada virá como a libertação para inumeráveis mulheres (...). A cozinha privada é uma instituição antiquada como é U`c`Û`bU`Xc`d`Yei` Ybc`a` YW`b|W` (...), representam uma inútil e desnecessária perda de tempo e material*”.

No mesmo capítulo XXVIII, no seu ponto 4 (*“Transformação da vida doméstica*”), mais uma vez Bebel tratará do

avanço que significará para a sociedade a socialização das atividades domésticas que ainda realizam as famílias individuais. Nesse ponto, trata de demonstrar as vantagens que trará o socialismo perante o capitalismo. Eis: *“lavanderias e secadoras coletivas assumirão o lavado e secado das roupas; estabelecimentos estatais de faxina, de limpeza de tapetes e roupas”*. De forma que não mais a mulher terá de ser escrava das tarefas que consomem grande parte de seu tempo vital. E conclui: *“Quando a vida doméstica for transformada de forma geral, na forma que temos apontado acima, então a servidão doméstica, essa “escravidão de todos os caprichos da ama, desaparecerão”*.

A luta pelas reformas se subordina à luta pelo socialismo

A dialética entre a luta pelas reformas e a luta estratégica do proletariado pelo socialismo, na obra de August Bebel, estava determinada pelas condições políticas e pelo contexto histórico de sua época. O regime capitalista ainda não tinha completado sua passagem à fase imperialista, a de sua desagregação e da impossibilidade da burguesia conceder novas reformas. No entanto, Bebel já demonstra que ainda nessa época a opressão da mulher não poderá ser resolvida no capitalismo. E embora as reformas conquistadas *“pudessem alcançar seu alvo e trazer direitos iguais para homens e mulheres”*, essas *“falhariam em abolir a escravatura sexual do matrimônio, em sua forma atual”*. Isto porque *“a mulher sofre como produto de sua dependência social perante o homem, e da posição inferior aceita para elas na sociedade”*, de forma que *“a igualdade formal perante a lei alivia essa condição, mas não a soluciona”*.

Para Bebel, *“todas as mulheres, independentemente de sua posição social, representam o sexo que durante a evolução da sociedade tem sido oprimido e prejudicado pelo outro sexo”*. Enquanto o capitalismo existir, a situação social da mulher não poderá mudar. As condições para sua completa libertação das cadeias da opressão só poderão

ser criadas no socialismo, a caminho do comunismo.

É o que demonstrará no capítulo XIV (“*A luta da Mulher pela educação*”), ponto 2, “*As habilidades intelectuais das Mulheres*”. Eis: “*quando a condições sociais de desenvolvimento sejam as mesmas para ambos os sexos, aí não haverá restrições para nenhum*”, então “*a mulher se elevará à Uhi fUXUdYfZ], ~c ei YXJÚW/a YbhYdcXYa cg'ja U[]bUf \c YZ porque até agora nenhuma dessas condições tem existido na evolução humana*”. Somente “*na nova sociedade a mulher será inteiramente independente, tanto social como economicamente. (...) será livre e igual ao homem, e a mestra de si mesma*”. Certamente, na transição socialista se criarão, para Bebel, as bases materiais para avançar na libertação da mulher. Segundo argumenta, no socialismo “*ela desenvolverá por completo e utilizará suas faculdades psíquicas e mentais*”, escolhendo “*uma ocupação apropriada a seus desejos, inclinações e habilidades*”, trabalhando “*sob as mesmas condições que o homem*” (capítulo XXVIII, “*A Mulher no futuro*”).

A completa libertação da mulher das cadeias da opressão só é possível no comunismo

Como conclusão do presente estudo e análise do livro “*A mulher e o Socialismo*”, pretendemos colocar a posição de August Bebel de que somente no socialismo ou, mais precisamente em sua transição ao comunismo, se criarão finalmente as condições materiais, econômicas, sociais e, portanto, políticas de sua completa libertação da dupla opressão a que é submetida há séculos.

O objetivo da luta do proletariado e de sua vanguarda é “*remover as desvantagens que foram criadas pela introdução de maquinaria, o desenvolvimento dos meios de produção e os modernos métodos de produção, e assim organizar o trabalho humano [e as grandiosas vantagens das, N.R.] maquinarias avançadas (...) serão aproveitadas por todos os membros da sociedade*”. O que somente será possível se o proletariado “*conquistar o estado social no qual todos poderão desfrutar direitos iguais indiferentemente do*

sexo". De forma que a mais completa "igualdade" entre mulher e homem em todas as esferas da atividade humana somente "será possível quando os meios de produção se transformem em propriedade da sociedade, quando o trabalho atingir o mais alto grau de produtividade, utilizando-se quando todos os aptos ao trabalho forem obrigados a realizar determinada quantidade de trabalho socialmente necessário, pelo qual a sociedade em troca os proverá com todos os meios necessários para desenvolver suas aptidões e desfrutar a vida...". É somente nessas condições, agrega Bebel, que "a mulher se tornará um membro útil para a sociedade humana desfrutando a completa igualdade com o homem. Serão dadas as mesmas oportunidades para desenvolver suas habilidades psíquicas e mentais, e pela execução dos deveres terá posse dos direitos..." (citações do capítulo XIII, "A mulher e a Indústria", ponto 2, "O trabalho fabril e a mulher casada").

A solução da opressão da mulher se acha para Bebel na luta do proletariado pelo socialismo. Somente quando se firmassem as bases da sociedade socialista a mulher contaria com as condições necessárias para começar a se desenvolver como indivíduo útil da sociedade. De forma que, para Bebel, uma das primeiras preocupações do proletariado que conquiste o poder político "será a mulher grávida, a mãe. Casas confortáveis, ambientes prazerosos, instituições de todo tipo adequados à etapa da maternidade, cuidado considerado para ela e sua criança - esses são os primeiros requerimentos". E é nessas condições que "as suas tarefas maternas o mais rápido possível ao berçário proletário". ("A Socialização da Sociedade", capítulo XXV, "O sistema socialista de Educação").

Uma conclusão necessária

A obra de August Bebel constitui uma peça chave na elaboração marxista para estabelecer qual o caminho e

quais os métodos que possibilitarão a completa libertação da mulher das cadeias da opressão. O Partido Operário Revolucionário toma as elaborações de Bebel e procura transformá-las em uma poderosa alavanca da luta revolucionária do proletariado pela conquista do poder político. Está aí por que se trata de tomá-las como um marco da elaboração do programa para a luta de classes.

Se algo ensina a experiência da socialdemocracia alemã, é que o abandono da teoria e prática da revolução proletária leva, invariavelmente, ao revisionismo e à degenerescência pequeno-burguesa das organizações operárias. O percurso das correntes centristas que dizem que é possível melhorar a situação da mulher sob o capitalismo, ou que é possível ainda alcançarem reformas progressivas sem destruir o regime burguês, confirma mais uma vez essa constatação histórica.

August Bebel

Lênin, agosto de 1913

Extraído das Obras Completas, Lênin, tomo XX, Akal Editor

Com a morte de Bebel, perdemos o dirigente da socialdemocracia alemã, que tinha enorme influência entre os operários e que era o mais querido das massas. No curso de sua formação e de sua atividade política, Bebel foi a encarnação de todo um período histórico não só na vida da socialdemocracia alemã, mas também da socialdemocracia internacional.

Na história da socialdemocracia internacional, pode-se distinguir dois grandes períodos. O primeiro, foi do nascimento das ideias socialistas e as primeiras manifestações da luta de classes do proletariado – uma longa e tenaz luta entre numerosas teorias e seitas sociais. O socialismo tateava seu caminho, buscava a si mesmo. A luta de classes do proletariado, que apenas começava a surgir da massa comum do “povo” pequeno-burguês como algo diferente, revestiu da forma de estouros isolados, como a sublevação dos tecelões de Lyon. A classe operária, nesse momento, somente tateava seu caminho.

Este foi o período da preparação e do nascimento do marxismo, a única doutrina socialista que passou pela prova da história. O período abarcou, mais ou menos, os dois primeiros terços do século passado e finalizou com a

vitória completa do marxismo, o fracasso (sobretudo depois da revolução de 1848) de todas as formas pré-marxistas de socialismo, e a separação da classe operária da democracia pequeno-burguesa, para empreender um caminho histórico independente.

O segundo período é o da formação, desenvolvimento e amadurecimento dos partidos socialistas de massa com uma composição de classe proletária. A característica desse período é a da enorme difusão do socialismo, o inusitado crescimento de todo o tipo de organização do proletariado e a preparação completa do proletariado nos campos mais diversos para o cumprimento de sua grande missão histórica. Nos últimos anos, despontou um terceiro período no qual as forças que se prepararam conseguiram seus objetivos em uma série de crise.

August Bebel, que era operário, desenvolveu uma concepção socialista do mundo a custa de uma luta tenaz. Dedicou à causa do socialismo um caudal de sua energia, sem poupar nada. Marchou durante várias décadas junto ao proletariado alemão, que crescia e se desenvolvia. Tornou-se o parlamentar mais inspirado da Europa, o organizador e o tático mais capaz e o dirigente mais influente da socialdemocracia internacional, da socialdemocracia adversária do reformismo e do oportunismo.

Bebel nasceu em 22 de fevereiro de 1840, em Colônia, às margens do Reno, em uma humilde casa de um sargento prussiano. Já com o leite de sua mãe, mamou muitos prejuízos bárbaros, dos quais se desprendeu mais tarde, pouco a pouco, mas com firmeza. Em 1848-1849, período da revolução burguesa na Alemanha, a população da zona do Reno se inclinava para a república. Na escola primária, somente dois meninos – um deles Bebel – mostraram simpatias monárquicas e, por isso, foram golpeados por seus colegas. “Um que aprendeu vale por dois que não aprendeu”, assim diz o refrão russo que se traduz livremente o ditado extraído pelo próprio Bebel, quando se refere em suas memórias esse episódio de quando criança.

A década de 60 do século passado levou a Alemanha à

“primavera” liberal, depois de longos e cansativos anos de contrarrevolução. Houve um novo despertar do movimento operário de massa. Lassalle começou seu brilhante, mas breve trabalho de agitação. Bebel, jovem aprendiz de torneiro, devorava ansiosamente os jornais liberais, editados pelos velhos homens que tinham atuado na revolução de 1848. Tornou-se um apaixonado colaborador das associações culturais e educacionais operárias. Ao se desfazer dos prejuízos dos quartéis prussianos, Bebel adotou as ideias liberais e lutava contra o socialismo.

Mas a vida continuou seu curso e o jovem operário, lendo os folhetos de Lassalle, pouco a pouco, achou o caminho de Marx, apesar das dificuldades para se chegar aos escritos de Marx em uma Alemanha que havia sofrido a opressão da contrarrevolução durante mais de dez anos. As condições de vida da classe operária, o sério e consciencioso estudo das ciências sociais empurraram Bebel ao socialismo. Havia chegado por si mesmo ao socialismo, mas Liebknecht, que era quatorze anos mais velho que ele e que acabava de voltar do exílio em Londres, contribuiu para acelerar o seu desenvolvimento.

Naquele tempo, as más línguas dos adversários diziam que o partido de Marx era constituído de três pessoas: Marx, dirigente do partido, Engels, seu secretário, e Liebknecht, seu “agente”. As pessoas pouco inteligentes riam de Liebknecht por considerá-lo “agente” dos exilados ou dos estrangeiros, mas Bebel encontrou nele o que necessitava: o contato vivo com a grande obra realizada por Marx em 1848, o contato com o partido, autenticamente proletário, ainda que pequeno, que então havia sido fundado, representante vivo das concepções e das tradições marxistas. “Deste homem, diabos, se pode aprender algo!”, diz se que comentou uma vez o jovem torneiro Bebel, referindo-se a Liebknecht.

Na segunda metade da década de 60, Bebel rompeu com os liberais, separou o setor socialista das associações operárias, do setor democrático-burguês e, juntamente com Liebknecht, ocupou o seu lugar nas primeiras fileiras

do partido de Eisenach, o partido dos marxistas, que devia lutar durante muitos anos contra os lassalleanos, o outro partido operário.

O motivo histórico da cisão do socialismo alemão foi, em uma palavra, o seguinte: o problema do dia era a unificação da Alemanha, que, dada a correlação de classes no momento, podia se realizar de duas maneiras – ou mediante uma revolução, dirigida pelo proletariado, que estabeleceria uma república em toda a Alemanha, ou mediante as guerras dinásticas da Prússia, que reforçariam a hegemonia dos latifundiários prussianos em uma Alemanha unificada.

Lassalle e seus adeptos, diante das poucas possibilidades que tinha a via proletária e democrática, seguiram uma tática indecisa e se adaptaram à direção do junker Bismarck. Seu erro consistiu em desviar o partido operário para o caminho do socialismo de Estado bonapartista. Ao contrário, Bebel e Liebknecht defenderam consequentemente o caminho democrático e proletário. Lutaram contra qualquer concessão ao prussianismo, ao regime de Bismarck ou ao nacionalismo.

A história deu razão a Bebel e a Liebknecht, apesar de que a Alemanha foi unificada ao estilo de Bismarck. Somente a consequente tática democrática e revolucionária de Bebel e Liebknecht, somente sua firme atitude diante do nacionalismo, somente sua atitude “intratável” a respeito da unificação da Alemanha e de sua renovação “desde cima”, contribuíram a cimentar um autêntico partido socialdemocrata operário. E, naqueles dias, o essencial eram os *cimentos* do partido.

Se os flertes dos lassalleanos com o regime de Bismarck ou sua “adaptação” a ele não prejudicaram o movimento operário alemão, isso se deveu *unicamente* ao repúdio tão enérgico e implacável de Bebel e Liebknecht às suas intrigas.

Quando o problema foi resolvido historicamente, cinco anos depois da fundação do Império alemão, Bebel e Liebknecht conseguiram unificar os dois partidos operários

e assegurar a hegemonia do marxismo no partido unificado.

Constituído o Parlamento alemão, Bebel foi eleito deputado, ainda muito jovem, tinha apenas 27 anos. Pelo próprio Bebel, ou por sua imediata direção e sua participação, foram elaborados os fundamentos da tática parlamentar da socialdemocracia alemã (e internacional), tática que nunca cedia um palmo ao inimigo, que nunca deixava escapar a menor oportunidade de conseguir qualquer melhora para os operários, por pequena que fosse, e que ao mesmo tempo era intransigente nos problemas de princípio e estava sempre orientada para a consecução do objetivo final.

Unificada ao estilo de Bismarck, renovada ao estilo prussiano, junker, a Alemanha respondeu aos êxitos do partido operário com a lei de exceção contra os socialistas. Suprimiram-se as condições legais para a existência do partido da classe operária, que foi colocado na ilegalidade. Vieram tempos difíceis. Às perseguições desfechadas pelos inimigos do partido, se somou uma crise partidária interna: as vacilações diante dos problemas fundamentais da tática. No começo, os oportunistas levantaram a cabeça. Assustaram-se com a perda da legalidade do partido. A chorosa canção que entoavam consistia em renegar as consignas íntegras e a acusar de se ter ido demasiadamente longe, etc. Lembremos, de passagem, que um dos representantes dessa corrente oportunista, Höchberg, prestava ajuda econômica ao partido, que era ainda débil e que no momento não podia sustentar-se por si mesmo.

Marx e Engels lançaram um violento ataque, desde Londres, contra as vergonhosas vacilações oportunistas. Bebel demonstrou ser um autêntico dirigente do partido. Advertiu, no momento, o perigo, compreendeu o acerto da crítica de Marx e Engels e soube orientar o partido pelo caminho da luta inconciliável. Criou-se o jornal ilegal *Der Sozialdemokrat*, editado primeiro em Zurique e depois em Londres. Era levado todas as semanas a Alemanha e chegou a ter dez mil assinaturas. Com firmeza, se pôs fim às vacilações oportunistas.

Outra vacilação se deveu ao entusiasmo por Dühring no final da década de 70, do século passado. Bebel participou também, durante algum tempo, desde entusiasmo. Os adeptos de Dühring, entre eles se destacava Most, jogavam no “esquerdismo”, e se deslizaram rapidamente para o anarquismo. A dura e demolidora crítica de Engels às teorias de Dühring foi recebida com hostilidade em muitos círculos do partido, chegando-se a propor em um congresso que se fechasse as colunas do jornal central a essa crítica.

Todos os elementos sadios do socialismo – com Bebel à frente, evidentemente – imediatamente compreenderam a profunda podridão das “novas” teorias e se desligaram delas e de todas as tendências anarquistas. Sob a direção de Bebel e Liebknecht, o partido aprendeu a combinar o trabalho ilegal e legal. Quando a maioria do grupo parlamentar socialdemocrata legal adotou uma posição oportunista na famosa questão da votação a favor do subsídio à Companhia de Navegação, o ilegal *Der Sozialdemokrat* se pronunciou contra o grupo, obtendo a vitória depois de uma batalha que durou quatro semanas.

Em 1890, foi abolida a lei de exceção contra os socialistas, que esteve em vigor por doze anos. Produziu-se uma nova crise partidária, muito parecida com a de meados da década de 70. Por um lado, os oportunistas subordinados a Vollnar estavam dispostos a aproveitar a legalidade para renunciar às consignas íntegras e à tática intransigente. Por outro lado, os chamados “jovens” pendiam ao “esquerdismo” e caminhavam para o anarquismo. A Bebel e Liebknecht, que resistiram resolutamente a tais vacilações, corresponde o grande mérito de que essa crise partidária fosse fugaz e não muito grave.

O partido entrou em um período de rápido crescimento, tanto em extensão como em profundidade, no desenvolvimento da organização sindical, cooperativa, cultural, educacional e outras formas de organização das forças do proletariado, bem como de sua organização política. Não se pode calcular o gigantesco trabalho prático realizado

por Bebel em todas as esferas como parlamentar, agitador e organizador. Com este trabalho, precisamente, Bebel conquistou sua posição de dirigente indiscutível do partido, reconhecido por todos, de dirigente mais próximo das massas operárias e mais querido por elas.

A última crise do partido alemão em que Bebel participou de maneira ativa foi a do chamado bernsteinismo. Bernstein, que havia sido um marxista ortodoxo, no final do século passado, adotou concepções puramente oportunistas, reformistas. Tentou transformar o partido da classe operária em um partido pequeno-burguês de reformas sociais. Este novo oportunismo encontrou muitos adeptos entre os funcionários do movimento operário e entre a intelectualidade.

Bebel se levantou energeticamente contra esse novo oportunismo, expressando o estado de ânimo das massas operárias e sua firme convicção da necessidade de batalhar pelas consignas íntegras. Seus discursos contra os oportunistas nos congressos de Hannover e Dresde duraram por muito tempo como modelo de defesa das ideias marxistas e da luta pelo caráter autenticamente socialista do partido operário. O período de preparação e coesão das forças da classe operária é em todos os países uma etapa necessária no desenvolvimento da luta mundial de emancipação do proletariado. Ninguém se compara com August Bebel como brilhante personificação das particularidades e das tarefas deste período. Sendo um operário, soube abrir caminho para as firmes convicções socialistas e se tornou um modelo de dirigente operário, em representante e participante da luta de massas dos escravos assalariados do capital por um sistema social superior.



Escreva para Caixa Postal 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org
